

CRIADO MUSEU DE CINEMA

Para "preservar todo o acervo que represente a evolução da arte cinematográfica no Brasil", o presidente do Instituto Nacional do Cinema criou em 14 de janeiro o Museu Nacional do Cinema, órgão que funcionará junto à Cinemateca Nacional, complementando-a e integrando-a.

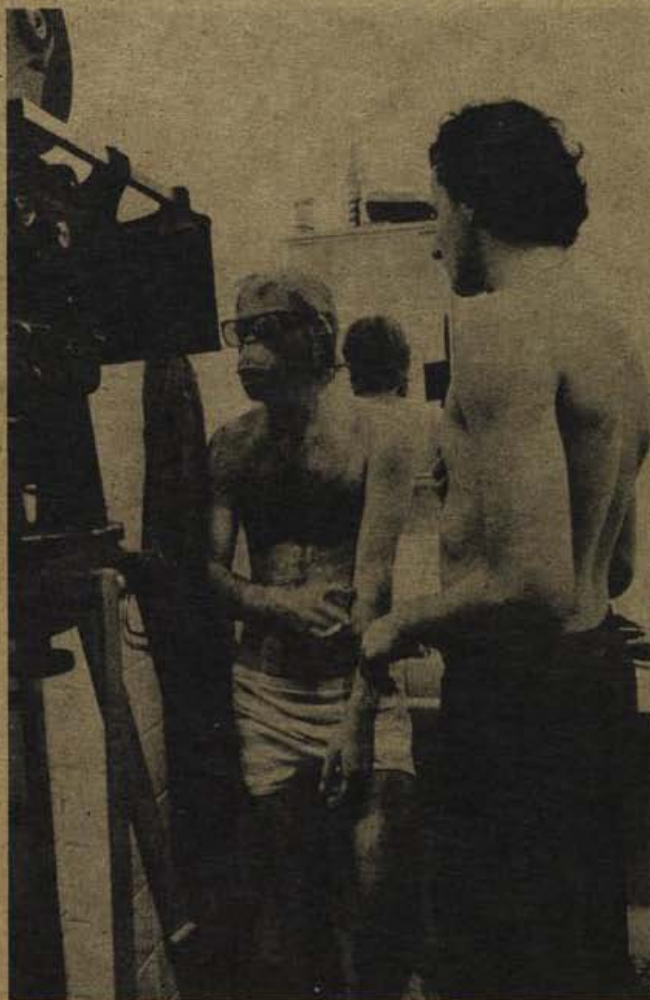
Até que se instale em Brasília a Cinemateca Nacional, o Museu funcionará anexo ao Gabinete da presidência do INC, conforme determina a portaria n.º 10, que o criou. Para dirigi-lo, em caráter provisório, o presidente designou o conservador Jurandyr Passos Noronha, diretor da Divisão de Distribuição de Filmes e Diafilmes.

Explicando a medida, o presidente do INC disse que até agora não havia no país um órgão cinematográfico com finalidades museológicas, o que fez com que peças importantes e documentos históricos do cinema brasileiro desaparecessem através dos anos, deixando uma lacuna na história fílmica nacional.

Com base em doações de particulares e aquisição de bens através de dotações orçamentárias do INC, o Museu Nacional coletará filmes, publicações, fotografias e aparelhos cinematográficos antigos, a fim de constituir um panorama do desenvolvimento do cinema no Brasil.

O BANGUE! BANGUE! DE ANDREA TONACCI

O título é o barulho que mais se ouve em cinema: *Bangue! Bangue!* O roteiro era sumário e oitenta por



ANDREA TONACCI NO SEU "PLANETA DOS MACACOS"

cento dos diálogos foram criados pouco antes das filmagens. Os personagens — como em *Olho por Olho* (curto, 1966) e *Blá-Blá-Blá* (curto, 1968, primeiro prêmio no Festival de Brasília) — não têm nomes. O principal (Paulo César Pereiro) é envolvido em várias situações, durante as quinze seqüências do filme, e não tem nenhuma influência sobre elas. Os outros são um bandido gordo, que come o tempo todo (Abraão Fark), um bandido cego (Ezequias Marques), um bandido que, de vez em quando, se veste de

mulher (José Aurélio Vieira), e uma mulher (Jura Otero). A narrativa é fria e distante. A montagem praticamente não existe — tudo foi rodado já levando em conta a montagem final. E a música é uma mistura de temas que vão desde "Eu Sonhei Que Tu Estavas Tão Linda", de Lamartine Babo, até trechos de grandes filmes comerciais, incluindo Henry Mancini, Lalo Schiffrin, André Previn, passando por Gene Krupa, Aaron Copland e Blood, Sweat & Tears.

O sentido de tudo isso?

"É sentar na cadeira e curtir", diz Andrea Tonacci, italiano de 26 anos e (20 de Brasil), fotógrafo do primeiro filme de Rogério Sganzerla (*Documentário/1966*), autor de dois curtos e produtor (em 1969) de mais cinco (*Arrastão e Nó*, de Lucilla Simon, *Traineira e Terrykyo*, de Oto S. Marques, e *Superstição e Futebol*, de Sílvio Lana). O primeiro longa-metragem de Tonacci nasceu porque um outro, *Prêto e Branco* (em cores, com muitos personagens políticos e exigindo bastante em termos de produção), não pôde ser feito. Os três bandidos de *Bangue! Bangue!* existem originalmente no roteiro de *Prêto e Branco*, mas aqui eles aparecem como caricaturas do que havia sido pensado antes. "Os personagens dos atores nasceram, inclusive, por uma questão geográfica", diz Tonacci. O filme foi rodado em Belo Horizonte — em onze dias, com fotografia de Tiago Velloso e som direto de Geraldo Velloso — e usa vários atores locais. O próprio personagem interpretado por Pereiro (que em algumas cenas aparece usando a máscara do filme *O Planeta dos Macacos*) era o único pré-definido e, ainda assim, na tela aparece com várias atitudes e gestos do próprio ator. Tonacci define-o como "uma figura que só existe em termos visuais e auditivos". E explica seu próprio programa de trabalho: "Nenhuma preocupação em narrar uma história, mas em criar climas".

Produzido pela Total Filmes — Andrea Tonacci, com financiamento da Comissão Estadual do Cinema de São Paulo e — como diz o autor — "créditos muito variados", *Bangue! Bangue!* ficou pronto em fins de outubro e na sua desconcertante narrativa, cheia de climaxes e anticlimaxes, onde o absurdo aparece às vezes como um mínimo, estranho — o próprio absurdo, promete for-

necer um bom prato para as discussões teóricas deste começo do ano. O filme é, no mínimo, estranho — o próprio Tonacci admite que não se parece com coisa alguma, dentro ou fora do cinema brasileiro — e sua compreensão total provavelmente vai ser dificultada pela dificuldade que o autor encontra diante dele. Nas palavras de Tonacci: "Eu não me conheço suficientemente para definir meu filme" (GM).

CERTIFICADO DEFINIRÁ FILME BRASILEIRO

Para determinar quais os filmes de longa-metragem que possuem condições de atender à definição de filme brasileiro, o Instituto Nacional do Cinema baixou a Resolução n.º 47, criando o Certificado de Filme Brasileiro de Longa-Metragem.

O novo Certificado, segundo a Resolução, constituirá documento indispensável para a exibição compulsória do filme brasileiro, para a dispensa do recolhimento imediato da contribuição e para a inscrição da fita no INC, com fins de competição em mostras internacionais.

O texto da Resolução n.º 47 é o seguinte:

O Conselho Deliberativo do Instituto Nacional do Cinema, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 50 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 60.220, de 15 de fevereiro de 1967, tendo em vista o artigo 19 do Decreto-lei n.º 43, de 18 de novembro de 1966, e o disposto no artigo 29 do Regulamento da Autarquia;

Considerando que é necessário que se determine quais os filmes de longa-metragem que possuem condi-

ções para atender à definição de filme brasileiro, enquanto não for baixado o decreto a que se refere o artigo 20, do Decreto-lei n.º 43/66;

Considerando que é atribuição do Instituto Nacional do Cinema estimular a produção nacional,

RESOLVE

Art. 1.º — Criar o Certificado do Filme Brasileiro de Longa-Metragem, que se constituirá no documento imprescindível para:

a) exibição compulsória, a que se referem o artigo 19 do Decreto-lei n.º 43/66 e a Resolução INC n.º 38/70;

b) a dispensa do recolhimento imediato da contribuição prevista no inciso II do artigo 11 e § 2.º do artigo 14 do Decreto-lei n.º 43/66;

c) a inscrição do filme no Instituto Nacional do Cinema, para a competição em Mostras Internacionais, na forma prevista na Resolução INC n.º 5/67.

Art. 2.º — O Certificado do Filme Brasileiro de Longa-Metragem será emitido pelo Instituto Nacional do Cinema, e somente será concedido:

a) aos filmes que atendam rigorosamente o que preceitua o Decreto n.º 55.202, de 11 de dezembro de 1964, ou o que venha a ser definido pelo Poder Executivo, conforme prevê o artigo 20, do Decreto-lei n.º 43/66;

b) aos filmes de produtores e distribuidores devidamente registrados no Instituto Nacional do Cinema, cumpridas também as exigências do § 2.º do artigo 25 do Decreto-lei n.º 43/66;

c) após exibição para a Comissão Especial, a ser designada pelo Presidente do Instituto Nacional do Cinema

e constituída de 7 (sete) membros, sendo o Diretor do Departamento do Filme de Longa-Metragem seu Presidente e membro nato.

Art. 3.º — O Presidente do Instituto Nacional do Cinema poderá convocar a Comissão Especial e autorizá-la a proceder a uma triagem prévia dos filmes e demais categorias premiáveis (Prêmio INC), na forma prevista na Resolução INC n.º 29/69.

Art. 4.º — Ficam revogados a Resolução n.º 12, de 19 de setembro de 1967, e os dispositivos da Resolução INC n.º 33, de 19 de fevereiro de 1970, que colidirem com as normas ora estabelecidas nesta Resolução.

MAURICIO RITTNER ESTREIA COM UMA MULHER PARA SÁBADO

Temas de filmes podem ser encontrados na rua, nas revistas, nas festas, em toda

parte. Maurício Rittner encontrou o seu numa orelha. Justamente a orelha de um romance de Mário Kuperman ("As Regras do Jôgo"), que resumia as promessas que MR encontrou dentro do livro: uma narrativa do tipo confessional, narrada na primeira pessoa, e onde o "eu" conta suas experiências nascidas com um personagem extravagante chamado "Louco". Isso foi em janeiro de 1969. Quase dois anos depois, um filme — *Uma Mulher Para Sábado* — está pronto. Custou seis meses de roteiro (junto com o autor do romance), quase três meses de filmagem (em São Paulo e no litoral, em Ilha Bela), cerca de 300 milhões antigos e mobilizou várias empresas: a Kinetos (produtora de MR), Vera Cruz, Tele-Sistema (uma distribuidora de televisão), Roma Filmes e Columbia Pictures, que entraram com 90 milhões em recursos liberados via INC.

Uma Mulher Para Sábado, primeiro longa-metragem de Maurício Rittner, paulista de 31 anos, crítico de cinema do "Jornal da Tarde", autor de um curto (*Perto do Coração*

ADRIANA PRIETO E DOROTHY LEIRNER: MULHERES PARA SÁBADO

